

RUA ALIOMAR BALEEIRO

Decreto nº 5422 de 06-06-1978

Formada pela rua Circular 68 da Cidade Universitária Campineira em Barão Geraldo

Início na avenida Dr. Luiz de Tella

Término na avenida Dr. Luiz de Tella

Cidade Universitária Campineira

Distrito de Barão Geraldo

Obs.: Do decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral, consta: "Aliomar Baleeiro - Advogado e Pregador das Liberdades". Protocolado nº 5.919 de 08-03-1978 em nome de Prefeito Municipal.

ALIOMAR BALEEIRO

Aliomar de Andrade Baleeiro nasceu em Salvador, Bahia, em 1905, e faleceu no Rio de Janeiro, em 03-março-1978. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e da Faculdade de Direito da Bahia, elegeu-se deputado à Assembléia Constituinte de 1946. Era catedrático de Ciência das Finanças na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, desde 1951. Foi Secretário da Fazenda de seu Estado, de 1959 a 1960. Deputado à Assembléia Legislativa e Constituinte do Estado da Guanabara de 1960 a 1962. Nesse ano foi eleito deputado federal pelo Estado da Guanabara, até 1965. No ano seguinte foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, do qual foi presidente e por onde se aposentou. A partir de então, passou a escrever artigos para a "Folha de São Paulo", a exercer o cargo de presidente da Editora Forense e a revisar seus próprios livros. Aliomar Baleeiro foi um dos fundadores da UDN - União Democrática Nacional e foi casado com Darli Baleeiro, deixando os filhos Aliomar, Ajax e Marisa.



DECRETO N.º 5422, DE 6 DE JUNHO DE 1978.**Denomina Aliomar Baleeiro uma via pública do Município de Campinas.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada RUA ALIOMAR BALEEIRO — Advogado e Pregador das Liberdades — a Rua Circular 68 da Cidade Universitária, com início e término na Av. Dr. Luiz de Tella.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 6 de Junho de 1978.

Dr. Francisco Amaral
Prefeito do Município de Campinas
Dr. Carlos Soares Júnior
Secretário dos Negócios Jurídicos
Engo. Amando Queiroz Telles Coelho
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 5.919, de 8 de março de 1978, em nome de Prefeito Municipal e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 6 de junho de 1978.

Dr. Alfredo Maia Bonato
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



03/03/1978

Morreu o ministro Aliomar Baleeiro

RIO, BRASÍLIA (FT) — Vitima de ataque cardiaco, faleceu ontem no Rio, às 14 horas, o ministro Aliomar Baleeiro, o qual se encontrava internado na Casa de Saúde São Miguel. O sepultamento será realizado hoje, às 11 horas, no cemitério São João Batista, onde o corpo está sendo velado.

Aliomar Baleeiro foi fundador da extinta UDN. Como deputado federal foi político de grande atuação, tendo se aposentado quando era presidente do Supremo Tribunal Federal.

Segundo seu filho mais velho, também Aliomar, seu pai não estava muito bem ultimamente. Entretanto, foi somente ontem pela manhã que ele começou realmente a necessitar de maiores cuidados médicos e por isso foi transportado para a Casa de Saúde, onde morreria horas depois. Seu estado geral era razoavelmente bom, considerando a sua idade e as atividades que exercia. Ultimamente o ministro escrevia artigos para a



Aliomar Baleeiro

“Folha” e desde que deixou o Supremo exercia o cargo de presidente da Editora Forense e, ainda, fazia revisão de seus próprios livros.

Além do filho mais velho, estavam presentes ao velório, ontem à noite, a esposa Darli e os filhos Ajax e Marisa, ambos advogados.

NO CONGRESSO

BRASÍLIA (FT) — “Ele teve a marca preponderante de político”, afirmou, ontem à noite, o presidente do Congresso Nacional, senador Petrônio Portela, ao ser informado da morte do ex-deputado, ex-professor e ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Aliomar Baleeiro.

O Congresso estava praticamente deserto quando os parlamentares tiveram a notícia da morte do ex-constituente de 1946, eleito pela extinta UDN, seção da Bahia. No gabinete de Petrônio, estavam o líder da maioria no Senado, Eurico Rezende, e os deputados Teódulo Albuquerque, Rogério Rego e Hugo Napoleão, Teódulo, que também foi constituinte de 46 e se elegera igualmente pela Bahia, recebeu a notícia emocionado.

“Ele era um homem de grande coragem”, foi sua primeira reação, ao lhe falarem de Baleeiro. As mãos de Teódulo tremeram; ele ascendeu um cigarro, controlou-se um pouco e contou que, nos primeiros dias dos debates da Carta de 46 Baleeiro provocou sério conflito com deputados do antigo PTB, ao atacar a ditadura de Getúlio Vargas.

“Era um grande brasileiro”, diz ele, interrompendo a narrativa do episódio.

Petrônio, também visivelmente comovido, concordou em ditar uma pequena declaração a respeito de Baleeiro. “Consternados, reverenciamos sua memória. Jurista, professor, político, parlamentar e juiz, Baleeiro, em todos os postos, foi inextinguível na combatividade e extraordinário no brilho, notabilizando-se pela desassombro pessoal. Apesar de se entregar nos últimos anos à missão de julgar, o que parece ter preponderado nele foi o político. Como

presidente do Congresso, lamenta a morte do ilustre brasileiro, que foi, em nossa Casa, uma de suas melhores expressões.”

Eurico Rezende, também emocionado, limitou-se a lamentar a perda sofrida pelos meios jurídicos brasileiros.

Baleeiro integrou, na Câmara, durante várias legislaturas, a famosa banda de música da UDN, que organizava os ataques diários contra os diversos governos pessedistas ou trabalhistas, até a posse do sr. Jânio Quadros.

No episódio parlamentar que culminou com a deposição de Carlos Luz, quando o então deputado Flores da Cunha, apesar de udenista, teve papel preponderante nos acontecimentos, Baleeiro rompeu com o antigo correligionário. A partir daí referia-se a Flores da Cunha de modo provocativo, até que este, da tribuna, chamou-o de “deputado pernóstico”, provocando pronta reação.

Mais tarde, no governo do mal Castelo Branco, a quem apoiava, teria seu primeiro atrito, como partidário do governo, com a oposição. Um oposicionista, criticando o governo, acusou o então presidente de “dispor do Brasil como se fosse coisa sua.”

“V. Exa. não deixa de ter razão”, observou Baleeiro. “Acho até que é o caso de pedir o impedimento constitucional do mal Castelo Branco. Se tiver a coragem de redigir um documento nesse sentido, conte com a minha assinatura.”

No final de sua vida, Baleeiro reconhecia, porém, que a Revolução de 1964 se desviara de seus rumos democráticos e não poupava críticas aos responsáveis por tais desvios.